

**Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti**

**Leitura e Literacia**

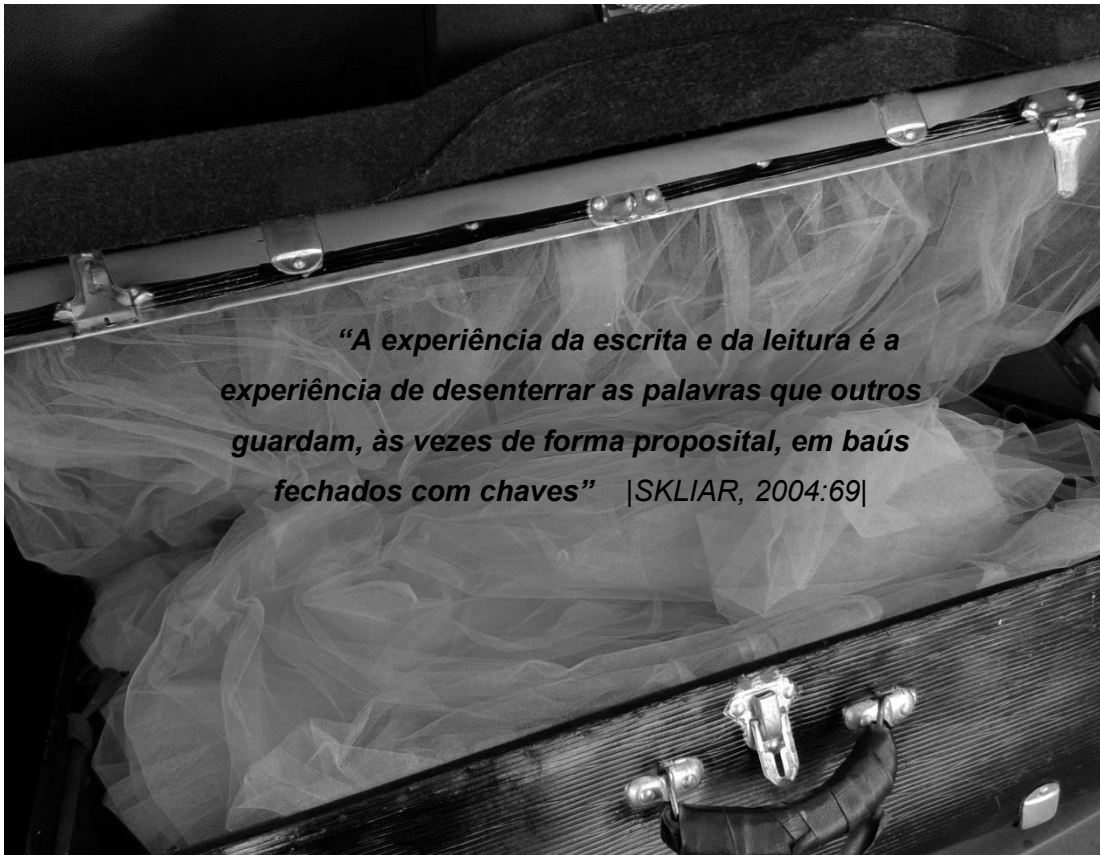
**O mar na  
mala...**

**Docente:**  
Joana Cavalcanti

**Discentes:**  
Ana Moreira nº 2002007  
Mafalda Leite nº 2010032  
Susana Amaral nº 2011097

Porto  
2013-2014





***“A experiência da escrita e da leitura é a experiência de desenterrar as palavras que outros guardam, às vezes de forma proposital, em baús fechados com chaves” |SKLIAR, 2004:69|***

## Índice

---

Apresentação .....	4
Introdução .....	7
Parte I	
Leitura e Literacia .....	9
Hora do conto.....	12
Dispositivo pedagógico.....	13
Descrição do dispositivo.....	15
Parte II	
Guião de Atividades.....	17
Atividade I “História Ecológica” .....	17
Atividade II “Vamos à pesca” .....	19
Atividade III “Vamos Rimar” .....	20
Atividade IV “Conto Redondo” .....	21
Bibliografia e Sitografia.....	22
Anexos	

## ***Apresentação***

---

### ***Ler, interpretar e compreender: a produção de sentido mediada por práticas significativas***

Ao longo das últimas décadas, a leitura se tem constituído como uma das áreas mais problematizadas no âmbito da educação, quer por questões relacionadas diretamente com a formação de novos leitores, quer por razões referentes ao desenvolvimento social e económico das sociedades contemporâneas.

A leitura protagoniza muitas discussões em torno da necessidade de se formar sociedades capazes de ultrapassar seus conflitos políticos e sociais, mas sobretudo de superar as crises económicas, estas cada vez mais frequentes. Não se pretende aqui aprofundar a discussão em torno de todos os aspetos que produzem e reproduzem as diversas crises sociais decorrentes da falta de investimento na educação, mas pretende-se sublinhar que um dos mais importantes, se articula com os níveis de literacia, em muitos países, ainda indesejáveis como é o caso de Portugal.

A leitura é um processo complexo, exigente, polissémico, pluridimensional e interativo, visto que integra as várias dimensões humanas como a neuro-físico-biológica, a cognitiva, a psíquica e afetiva e a social, requerendo envolvimento e motivação para que haja produção de sentido de forma consciente e significativa. Portanto, é um processo que inclui questões de construção de identidade e pertença, apropriação dos contextos e capacidade de extrapolá-los para construir outros saberes e significados.

A leitura e a literacia são indissociáveis, visto que se produzem a partir da compreensão de uma mensagem ou realidade, portanto o conceito de literacia deve ultrapassar o de decifração de um código para alcançar o de transcendência de um referente/significante. O trabalho realizado pelo leitor tem o efeito de busca de significado, este pode ser ampliado e resignificado de acordo as possibilidades oferecidas. De facto, a formação de leitores deve ser implicada na produção de sujeitos críticos, questionadores e capazes de transformar os contextos. Formar leitores para buscar e extrair significado é fundamental para se obter melhores níveis de literacia.

Sabemos que Portugal é um dos países europeus com maior necessidade de investimento na formação de leitores, visto que as várias pesquisas (PISA) sobre o assunto apontam para níveis ainda pouco apreciáveis, quando tais resultados são comparados com os de outros países do mesmo continente. É preciso trabalhar

fortemente para superar as dificuldades relacionadas com a educação porque estas são ampliadas em outros segmentos como o do desenvolvimento económico, basta saber que nas sociedades altamente desenvolvidas os níveis de literacia alcançam altos índices, enquanto nos países com menos desenvolvimento os índices são mais baixos. Logo, se pode inferir que a relação entre desenvolvimento e leitura é bastante estreita. Saber ler é uma ferramenta indispensável para o desenvolvimento humano, pois ler possibilita um conhecimento mais alargado e nos permite um certo domínio e poder sobre a realidade na qual estamos inseridos. É portanto, uma poderosa alavanca para o crescimento pessoal e coletivo.

Países como Finlândia, Dinamarca, Noruega e Bélgica conseguiram, em tempos passados, superar suas crises económicas ao assumirem a educação, sobretudo a formação de leitores, como eixo para a mudança. Hoje são considerados países com altos níveis de literacia e desenvolvimento geral.

Na análise de resultados que versam sobre os níveis de literacia em Portugal (PISA: 2010), aconselha-se o investimento em projetos de promoção da leitura, na formação contínua de professores e educadores, na investigação científica e tecnológica, na interdisciplinaridade, bem como na adequação entre teoria e prática nos cursos destinados à formação profissional de educadores e professores.

Estamos diante de um desafio para o qual teremos de dar respostas eficientes, se desejamos alterar o horizonte de expectativa referente à educação, pois será necessário converter os espaços pedagógicos em contextos significativos, onde os discursos devem ser produzidos e alterados. É preciso enfrentar as dificuldades a partir de estratégias possíveis, eficientes e renovadoras que nascem mediante a reflexão crítica, aprofundada e fundamentada nas experiências e para além delas, pois formar leitores para atuar no mundo contemporâneo é, cada vez mais, uma tarefa exigente visto que se pressupõe muitos esforços para que se supere os obstáculos advindos de inúmeros panoramas.

Para definir a leitura em toda a sua complexidade podemos invocar a imagem de uma janela que se abre de par em par, mostrando infinitas possibilidades de se explorar o olhar, a busca, enfim o efeito da experiência quando transformada em consciência do objeto apreendido que faz surgir a interpretação e a compreensão acerca do mundo. Ler é portanto possibilidade, abertura para o novo que apela para a inauguração da palavra, esta como expressão humana capaz de fundar mundos, mesmo quando são música, movimento ou cor.

Diante de conceitos tão abrangentes acerca da leitura, não se pode pensar na aprendizagem de forma estanque, pois ler implica em movimento, em plasticidade, em

ampliação cognitiva e sensorial. Portanto a sala de aula para a aprendizagem da leitura deve ser a sala de aula para a aprendizagem da vida.

Como professora e orientadora, na área das Línguas e Literaturas, dos cursos de Mestrado de formação de educadores e professores tenho trabalhado no sentido de abrir algumas clareiras para a reflexão acerca da leitura e da sua aprendizagem ao solicitar que os estudantes articulem a teoria com a prática. Assim, no âmbito das Unidades Curriculares de Leitura e Literacia (Mestrado em Educação Pré-escolar) e Literacia, práticas e fundamentos (Mestrado em Educação do 1º Ciclo) os tenho desafiado a construir materiais lúdico-pedagógicos para a promoção da linguagem, da leitura e da literacia, no pré-escolar e 1º Ciclo, que sejam capazes de produzir alterações significativas nos contextos de sala de aula, pois estes devem se constituir em dispositivos pedagógicos capazes de contribuir para a aprendizagem da leitura e promoção da literacia.

A experiência tem sido significativa na medida em que posso observar futuros educadores e professores a produzirem dinâmicas diversificadas para a mediação e promoção da leitura, além de se apropriarem do grau de importância e transversalidade contido na aprendizagem da leitura. Tenho visto estudantes motivados e exetantes por “jogar” com as crianças a partir da utilização de seus materiais, estes construídos com o objetivo de interferir nas práticas pedagógicas de forma dinâmica e envolvente.

Desejo que tais estudantes também possam crescer como pessoas e profissionais, que sejam capazes de reencantar a sala de aula e formar leitores competentes, estimulados na sua capacidade simbólica. Anseio que estes estudantes também possam exercitar a técnica do voo, tal como nos diz José Morais *Ler é alimentar-se, respirar. É também voar. Ensinar a leitura é ao mesmo tempo formar a criança a técnica do voo, revelar-lhe este prazer e permitir-lhe que o mantenha* (1997: p.272). Para ensinar a voar é preciso saber voar, para ensinar a ler é preciso ler, para ensinar a gostar de ler é preciso gostar de ler.

Assim, apresento-lhes um dos dispositivos pedagógicos e o seu guião/ Manual de Atividades com o objetivo de partilhar e disseminar o trabalho que estamos a desenvolver no âmbito dos Mestrados de Formação de Educadores e Professores da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Espero que estes possibilitem a apropriação da realidade e o voo necessário para que se possa sonhar com novas realidades.

Joana Cavalcanti

## Introdução

---

O seguinte guião foi elaborado na sequência da proposta de desenvolvimento de um programa de linguagem destinado à promoção da leitura e da literacia em contexto de Pré-escolar, estimado para uma faixa etária compreendida entre os 4 e os 5 anos de idade, no entanto esta proposta poderá ser adaptada posteriormente para uma faixa etária diferente, sendo este guião acompanhado de um dispositivo pedagógico, com atividades de carácter lúdico pedagógico relacionadas com os processos de leitura e literacia.

Primeiramente, o nosso trabalho começou por uma investigação cuidada acerca da estratégia da hora do conto e do tipo de dispositivos que se utilizam para a dinamizar. À medida que fomos construindo este guião tivemos a necessidade de aprofundar o nosso conhecimento teórico adequando-o à estratégia utilizada no dispositivo pedagógico, debruçando o nosso estudo sobre autores que abordam esta temática da leitura e literacia, recorrendo a vários artigos, livros e outros documentos publicados.

Após a pesquisa teórica iniciamos o processo de escolha do tema para o nosso dispositivo pedagógico e idealizamos algumas atividades que pudessem servir de auxílio a educadores que desejem motivar as crianças para a leitura, estimulando a aquisição da linguagem nos seus vários domínios, enriquecendo o vocabulário e o seu discurso.

No que se refere ao quadro teórico, baseamo-nos em autores como *Foucault*, *Daniel Pennac* e *Alçada* que consideram a leitura como um bem essencial, sendo que os dispositivos pedagógicos funcionam como um foco que despertam o interesse e motivação da criança para a leitura, no entanto os mesmos não se devem sobrepor ao objetivo principal que neste contexto é o livro e as dimensões que este implica.

As atividades por nós propostas para este guião estão diretamente relacionadas com o dispositivo pedagógico que vão de encontro ao tema do mar, tendo este sido construído com o intuito principal de promover a leitura e literacia, conceitos interligados que proporcionam poder de argumentação, de decisão, estimulando o espírito crítico de quem é detentor dos seus significados, porque a leitura é um espaço de autonomia, imaginação e conquista.

Em cada atividade definimos o título, os objetivos a atingir, os recursos materiais e humanos necessários para a sua implementação, a descrição da atividade e os potenciais itens a avaliar.

Com este guião pretendemos que educadores e estudantes do curso de Educação Básica possam utilizar este nosso dispositivo pedagógico como mais um material de apoio para a promoção da leitura e literacia em contexto pré-escolar.

Neste sentido, o seguinte guião encontra-se organizado em duas partes, sendo que na primeira parte apresentamos uma abordagem teórica sobre o tema em estudo, e na segunda parte apresentamos as atividades propostas por nós para a dinamização do dispositivo pedagógico.



## Parte I

### *Leitura e Literacia*

---

Atualmente, a Leitura e a Literacia são dois conceitos praticamente indissociáveis que complementam-se e fundem-se, tendo em conta a relevância que a comunicação tem vindo a assumir na sociedade contemporânea.

Neste sentido, as razões que lideram a centralidade destes conceitos são múltiplas e dotadas de alguma complexidade. Como sublinha Bartolomé (2005: 303;304) importa não esquecer que durante milhares de anos a informação acumulada pela humanidade cresceu a um ritmo lento, quase impercetível, enquanto, que hoje em dia assistimos a uma autêntica explosão a nível informativo, explosão essa que acarreta uma serie de consequências na forma como depois gerimos a comunicação.

Contudo, é ao jardim-de-infância que cabe um papel importante em todo este processo, ampliando e diversificando as experiencias da criança, promovendo intercâmbios comunicativos com outras crianças e adultos. A comunicação entre a criança e o meio que a rodeia pode desenvolver-se das mais variadas formas: uma palavra, um gesto, uma postura corporal, uma imagem plástica, uma canção, ou um símbolo abstrato, isto porque as crianças utilizam as suas cem linguagens, como modo de comunicação e expressão.

Neste sentido, a linguagem e a literacia desenvolve-se por intermedio de interações. Segundo Maher (1991) citado por Hohmann (2011), a linguagem é constituída por um processo interativo e não por uma capacidade inata ou estritamente aprendida por imitação. Quando as crianças se encontram num ambiente onde a comunicação é valorizada, adquirem uma maior vontade de dominar a linguagem. Deste modo, a linguagem desenvolve-se em ambientes onde as crianças aprendam a falar ao falarem livremente sobre as sua experiências e onde tem alguém atento a elas, envolvendo-se em diálogo.

A interação social é um fator chave na preparação das crianças mais novas para a literacia. As crianças têm maior probabilidade de se tornarem bons leitores e escreverem bem se, durante no período pré-escolar, o adulto criar desafios relativos a conversação para os quais as crianças estão preparadas – se usarem um vocabulário rico e diversificado e centrarem a conversa em torno das atividades diárias ou em outras questões. A forma como as crianças brincam é outro aspeto a considerar no desenvolvimento da pré-literacia.

Assim sendo, assistimos hoje como sustenta Ruiz (2005:293), à consolidação de um novo paradigma comunicacional interativo e à aparição de novos espaços *para*

*a pluralidade, a diversidade, o intercâmbio multicultural e a participação dos cidadãos à escala global.*

Neste sentido, talvez seja este o momento de mostrar que a literatura pode ser também ela um dispositivo: capaz de mobilizar o pensamento, naquele que lê e faz relações com a vida, no sentido de pensar-se como sujeito que se constitui historicamente como experiência.

Compreende-se assim, que recentes abordagens em torno da literacia (Azevedo, 2009:12-15; Sylvester e Grenidge, 2009:284) postulem a implementação de novos modelos e práticas de acordo com as exigências da evolução perene da designada *sociedade de conhecimento*. Neste seguimento, o sucesso em literacia passará sobretudo por um reequacionar de contextos e práticas desenvolvidas que devem acompanhar a evolução da própria da sociedade contemporânea. Podemos ainda acrescentar que uma das tarefas mais nobres de qualquer educador é proporcionar diversos meios que permitam à criança ficar com ferramentas que lhe proporcionem num futuro próximo aprender a ler, estimulando-as e despertando-as para o prazer da leitura.

Parafraseando Bloom (2001:19), um dos usos da leitura é prepararmo-nos para a mudança, mudança essa que atualmente acontece a um ritmo frenético ao qual o educador deve dar resposta.

*(..) a criança é um magnífico leitor. Ela recebe a narração, não apenas como um enredo, mas como um mundo e penetra nesse mundo.*

[Andersen, 1964:19]

Neste seguimento, torna-se importante que o educador nunca deixe de ter voz ativa, dando voz também na sua sala ao conceito de leitura e literacia, pois como refere Daniel Pennac (2001:114) (...) é certo que a voz do professor ajudou a esta reconciliação: poupando esforços de descodificação, representando claramente as situações, colocando cenários, incarnando as personagens, sublinhando os temas, acentuando as nuances, fazendo o mais nitidamente possível o seu trabalho de revelador fotográfico.

Retomando agora o conceito de literacia este (...) *mantém-se associado às exigências da sociedade, mas essas mesmas exigências estão hoje marcadas por uma complexidade crescente. Ler é hoje fundamentalmente aceder ao conhecimento através da reconstrução da informação contida no texto, o que implica uma íntima e permanente interação entre o leitor e o texto. O leitor tornou-se um construtor de significado e a leitura transformou-se na grande porta de acesso ao poder do conhecimento. É esta a base do conceito de literacia plena, uma supracidade promotora de transformação pessoal e social.*

Segundo Alçada (2005) a leitura é um bem essencial. Graças a esse maravilhoso poder, tão simples para quem o consegue dominar e tão complexo e misterioso para quem ainda não o adquiriu, a pessoa tem acesso às mais estimulantes e saborosas viagens pelo universo da ciência, da cultura e fantasia.

Neste seguimento, a leitura é uma ferramenta importante na medida que permite aos indivíduos tornarem-se sujeitos ativos no seu processo de desenvolvimento pessoal e intelectual.

Ler é uma atividade essencial. A criança em idade pré-escolar ainda não lê o código escrito, mas lê outros códigos que lhes possibilitam ampliar a visão do mundo.

## ***Hora do Conto***

---

*Nós somos construtores de significados – todos e cada um de nós:  
crianças, pais e educadores.*

*Tentar descobrir o significado, construir histórias  
e partilha-las com os outros, oralmente e por escrito,  
é uma parte essencial do ser humano.*

*Gordon Wells, 1986*

Contar e ouvir histórias na idade pré-escolar é uma maneira de encantar as crianças, a par com a transmissão de valores culturais e morais, ou seja, o educador assume a função de entreter e instruir as crianças através das histórias que vai contando. A prática de uma boa pedagogia tem como base a transmissão de conhecimentos e a efabulação através do lúdico.

O papel de um contador de histórias torna-se, então, importantíssimo para o pleno desenvolvimento das crianças, tendo este várias características específicas, entre elas, o tom de voz.

A adoção dos contos iniciou-se com os gregos, que, antigamente, utilizavam a técnica de contar histórias para instruir discípulos, tornando-se isto uma tradição e criando-se, também, os catecismos para ensinar a ler e a escrever.

As narrativas passaram então a ser utilizadas como meio de transmissão de valores morais e alfabetização.

A hora do conto, desde então criada, proporcionava momentos de cumplicidade e passou a servir, posteriormente, para a preparação de momentos constituintes da rotina diária, como é o exemplo da hora de deitar.

Todos os contos despertam nas crianças alguns sentimentos variadíssimos, como o medo, angústia, alegria, curiosidade, entre muitos outros.

Neste sentido, a hora do conto apresenta um papel duplo, ou seja, verifica-se uma grande dualidade entre este momento vivido em casa ou na escola. Em casa, o uso da linguagem materna reforça laços e cria momentos de intimidade com as crianças e adultos envolvidos e na escola é utilizado como uma estratégia educativa, provocando nas crianças o prazer da escuta e da leitura de histórias, a curiosidade e a compreensão das estruturas linguísticas.

Contudo, enquanto futuros educadores e como refere Albuquerque (2000: 26) não podemos esquecer que, antes da criança aprender a ler e a escrever, tem de dominar os seus próprios conhecimentos linguísticos, através da fala, tem de aprender a escutar e ser escutada, mas sobretudo, tem de descobrir que tem coisas interessantes para dizer.

## **Dispositivo pedagógico**

---

Inicialmente, a noção de dispositivo surgiu num contexto completamente distinto do que queremos aqui explicar. No entanto, a sua referência é fundamental para compreender-se toda esta envolvência. Assim, esta primeira noção de dispositivo apresentada teve a sua origem com Foucault, que através do seu contexto filosófico deixou-nos com uma perceção que ainda hoje perdura. Foucault definiu primitivamente o dispositivo como sendo:

*Um conjunto claramente heterogéneo, comportando discursos, instituições, arranjos arquitetónicos, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, ou seja, elementos, tanto do dito como do não dito... assinalando no dispositivo “a natureza da ligação” que pode existir entre estes elementos heterogéneos- um discurso pode aparecer quer como um programa de uma instituição, quer pelo contrário, como um elemento que permite justificar ou mascarar uma política.*

[Foucault, 1977:62]

Neste sentido e, refletindo ainda sobre as palavras de Foucault verificamos que a definição de dispositivo foi-se alterando ao longo dos anos, passando a ter hoje em dia uma definição bastante mais ambígua conforme o contexto em que se insere.

Assim sendo, o dispositivo segundo Foucault (1977), pode surgir como uma máquina de produção de saberes, multiplicador de discursos, gerador de poder, ou ainda como um instrumento que materializa um dado estado duma cultura e um mecanismo que articula uma heterogeneidade de práticas discursivas e não discursivas. As relações que se articulam entre o poder e saber tornam-se assim, fundamentais, visto que um qualquer dispositivo funciona como um elemento capaz de dar ênfase aquilo que queremos materializar através dele, sendo que muitas vezes e erradamente o mesmo se transforma em protagonista, quando na verdade deve ser apenas o coprotagonista.

Deleuze (1988) na sua obra sobre Foucault define ainda o dispositivo como sendo uma máquina como que abstrata, quase muda e cega, embora seja essa mesma máquina que faça ver e falar.

Na obra de Foucault, é ainda referido que os dispositivos atuam como flechas, penetrando incessantemente nas coisas e palavras (Deleuze, 1990), isto porque muitas vezes através de um dispositivo conseguimos chegar mais rapidamente ao objetivo pretendido.

Normalmente, estes dispositivos expostos anteriormente têm um regime de luz própria: permitem ver sem ser vistos. Distribuindo o visível e o invisível, fazendo

nascer ou desaparecer o objeto que não existe sem ele. Neste contexto, poderemos enquadrar perfeitamente o nosso dispositivo *o mar na mala*, visto que ele rapidamente faz nascer ou desaparecer o objeto que pode existir claramente sem ele, mas ao qual o seu impacto será imensuravelmente menor.

Deleuze, (1990:159) refere que *“todo dispositivo se define por seu teor de novidade e criatividade, o qual marca ao mesmo tempo sua capacidade de transformar-se ou de fissurar-se em proveito de um dispositivo futuro (..) Pertencemos a certos dispositivos e operamos neles.”* Enquanto futuros educadores, estaremos sempre incessantemente a operar com determinados dispositivos pedagógicos e num dado momento iremos não só operar com eles mas também pertencer a eles como se estivessem enraizados em nos desde sempre.

Bernstein (1996) identificou assim, três principais características do dispositivo pedagógico, sendo elas: a produção, a recontextualização e a reprodução. Assim, estas características estão relacionadas de forma hierárquica de modo que a recontextualização do conhecimento não pode acontecer sem a sua produção e a reprodução não pode ocorrer sem a sua recontextualização, ou seja estas características estão tão interligadas que não coexistem sozinhas.

Recentemente, Cortesão e Stoer retomam este conceito, e enquadram-no no “campo de recontextualização pedagógica” definido então os dispositivos pedagógicos como:

*Propostas educativas que visam constituir uma “boa ponte” na ligação necessária entre cultura de escola e da comunidade envolvente, comunidade essa, representada através dos alunos na instituição.*

|Cortesão e Stor, 1996:41,42|

Em jeito de síntese, o conceito de dispositivo pedagógico pode traduzir-se como sendo uma ferramenta imprescindível para a compreensão do mundo por parte das crianças, cabendo aos educadores não descuidarem a utilização de tais mecanismos pedagógicos que lhes permitem ir além do óbvio, utilizando-os não só em proveito próprio, como também em proveito dos outros.

## ***Descrição do Dispositivo***

---

Na sociedade contemporânea, as novas formas de literacia desafiam os educadores a implementarem cada vez mais estratégias multifacetadas que tornem as crianças leitores bem-sucedidos, instigando-as a alargarem as suas competências de leitura para competências de literacia.

Assim sendo, os dispositivos pedagógicos coadjuvam o educador a atingir os seus objetivos e a compilar estas competências.

No seguimento deste raciocínio surge então o nosso dispositivo pedagógico que como referido anteriormente caracteriza-se por ser uma mala temática sobre o mar, proporcionando neste caso metaforicamente às crianças uma sensação de invasão do mar para dentro da própria mala.

Citando agora Cavalcanti (2006:10), as malas que contam histórias assumem-se como um objeto simbólico para novas possibilidades de trazer para o espaço pedagógico momentos de aprendizagens significativas, onde um novo mundo surge em cada mala que se abre, e assim é esta nossa mala que tenta trazer para o espaço pedagógico um novo mundo que diante dos olhos das crianças se abrirá para novas aprendizagens acerca da Leitura.

Enquanto dispositivo pedagógico, a nossa mala tenta trazer para a sala uma nova lufada de ar fresco, proporcionando às crianças não só como já foi referido aprendizagens significativas, como também uma panóplia de experiências que certamente as enriquecerão.

Cavalcanti (2006:10) refere ainda que enquanto dispositivo pedagógico, cada mala é uma proposta aberta, permanentemente reinventada, de cariz interdisciplinar onde está presente o texto escrito, a música, o teatro, a pintura, fotografia e muitas, muitas outras coisas. A mala, enquanto objecto de transição, pode guardar esses desejos e transporta-los para outras paragens.

Enquanto objecto simbólico a mala permite-nos não só viajar no verdadeiro sentido da palavra como também nos permite viajar no sentido metafórico, transportando-nos muitas vezes para paragens tão distintas quanto as viagens pelas quais terá passado o seu viajante, e por conseqüente tal facto permite que as crianças se apropriem deste objeto de forma diferente, porque independentemente de tudo todos nós carregamos uma bagagem mesmo que imaginária e viajamos com ela para todos os recantos, escondemos os nossos segredos dentro dela e deixamos que outras pessoas a abram e descubram o seu conteúdo apenas e somente quando estamos preparados para o fazer, da mesma forma que este dispositivo pedagógico mostrará o seu conteúdo às crianças apenas e somente quando for pertinente fazê-lo.

*Se o espaço de uma mala se torna na possibilidade de se conhecer o universo do outro, então ganhamos um espaço que se abre para servir de espelho e fazer-se promessa de uma existência qualquer.*

|Cavalcanti;2006:

Neste seguimento, a nossa mala permite que as crianças se encontrem no universo da Leitura e entendam com as várias atividades que lhes proporcionamos que a mesma esconde segredos que anseiam por serem desvendados.



## Parte II

### Guião de Atividades

---

#### Atividade I

**Título: História ecológica**

#### Objetivos

- ✓ Promover o envolvimento parental nas tarefas escolares.
- ✓ Estimular a interação escola-família

#### Recursos Materiais

- ✓ Garrafas
- ✓ Folhas
- ✓ Canetas
- ✓ Lápis
- ✓ Papel de cenário
- ✓ Tintas
- ✓ Pincéis

#### Recursos Humanos

- ✓ Educador
- ✓ Auxiliar
- ✓ Pais
- ✓ Crianças

#### Descrição da Atividade

Inicialmente, as crianças dispõem-se em círculo, sentadas no chão para que lhes seja explicado o que se pretende com a atividade.

As crianças deverão levar para casa uma garrafa, na qual se encontra uma folha com o início de uma história, que as crianças deverão continuar em casa com os pais. Cada dia a história continua e aumenta. Depois de todas as crianças terem levado a garrafa para casa e terem continuado a história, esta será contada ao grupo e será feito o registo coletivo para a sala em papel de cenário.

#### Aspetos a avaliar:

Para avaliação da atividade serão tidos em conta aspetos como:

- a realização da atividade;
- o cumprimento do tempo estabelecido;
- a coerência da história de acordo com o que estiver anteriormente escrito;
- ilustração ou não da história feita pela criança.

**Variante da atividade: Mensagens ecológicas**

A garrafa contém uma folha para que os pais possam registrar uma mensagem ecológica, conjuntamente com as crianças/filhos. Cada dia, uma criança do grupo levará a garrafa para casa. No dia seguinte, será lida a mensagem que a criança levou para o Jardim e afixada num placard.

## **Atividade II**

**Título: “Vamos à pesca”**

### **Objetivos**

- ✓ Desenvolver a consciência fonológica através da construção de rimas
- ✓ Estimular a coordenação motora;
- ✓ Estimular o ato de jogar

### **Recursos Materiais**

- ✓ Jogo “Vamos à pesca”

### **Recursos Humanos**

- ✓ Educador
- ✓ Auxiliar
- ✓ Crianças

### **Descrição da Atividade**

Dentro de uma caixa encontra-se um jogo. As crianças têm de “pescar” um peixe. Cada peixe tem uma palavra que a criança deve rimar com outra palavra. Se conseguir rimar joga outra vez, caso contrário passa a vez a outro colega do jogo.

Ganha a criança que no final ficar com mais peixes, ou seja, a que consiga rimar mais.

### **Aspetos a avaliar:**

Para avaliação da atividade serão tidos em conta aspetos como o interesse e motivação da criança na atividade, bem como a facilidade ou dificuldade de cada criança em encontrar palavras que rimem com aquelas que se encontram escritas no peixe.

## **Atividade III**

**Título: “Vamos Rimar”**

### **Objetivos**

- ✓ Desenvolver a consciência fonológica através de imagens que rimam
- ✓ Estimular o ato de jogar
- ✓ Exercitar a memória auditiva

### **Recursos Materiais**

- ✓ Jogo “Vamos Rimar”

### **Recursos Humanos**

- ✓ Educador
- ✓ Auxiliar
- ✓ Crianças

### **Descrição da Atividade**

No seguimento da atividade anterior e tendo por base objetivos semelhantes, propõem-se a atividade “Vamos rimar”.

Dentro de um saco encontram-se cartões com diferentes imagens. A criança deve espalhar as imagens sobre a mesa e tem de encontrar outra que rima com aquela, que inicialmente tirou, ou seja deve encontrar o seu par.

Por exemplo: imagem Mexilhão e imagem Tubarão

### **Aspetos a avaliar:**

Para avaliação da atividade serão tidos em conta aspetos como o interesse e motivação da criança na atividade, bem como a facilidade ou dificuldade de cada criança em encontrar o cartão com a imagem que rima.

## **Atividade IV**

**Título: Conto Redondo**

### **Objetivos**

- ✓ Criar histórias a partir de objetos
- ✓ Desenvolver a oralidade
- ✓ Estimular a imaginação

### **Recursos Materiais**

- ✓ Barco
- ✓ Rádio
- ✓ Música

### **Recursos Humanos**

- ✓ Educador
- ✓ Auxiliar
- ✓ Crianças

### **Descrição da Atividade**

Inicialmente as crianças encontram-se dispostas em círculo. Ao som da música, vai passando um barco pelas crianças e quando a música parar a criança que tem o barco inicia uma história sobre o mar. De seguida, a criança passa o barco ao colega do lado que continua a história e assim sucessivamente, até que todos participem.

### **Aspetos a avaliar:**

Para avaliação desta atividade são tidos em conta aspetos como a motivação, interesse, a atenção das crianças, a concentração e o respeito pela sequência da história.

## **Bibliografia & Sitografia:**

---

- ☞ ALBUQUERQUE, Fátima (2000). *A Hora do conto*. Lisboa, Editorial Teorema
- ☞ ANDRESEN S. M. B. (1964). *Sophia de Mello Breyner Andresen fala-nos de literatura infantil e da sua obra de escritora para crianças*, in *Diário de Lisboa* nº 302, 14/5, pp. 17-19.
- ☞ AZEVEDO, F. (2009). *Literacias: contextos e práticas*. In F. Azevedo & G.Sardinha (Coord.), *Modelos e práticas em literacia* (pp.1-16). Lisboa: Lidel
- ☞ Bartolomé, A.R. (2005). *Comunicación, educación y tecnología*. *Actas do III Sopcom, VI Lusocom e II Ibérico, 4*, 299-309. Consultado em Fevereiro 2010, <http://www.bocc.uff.br/pag/bartolome-antonio-comunicacion-educacion-tecnologia.pdf>.
- ☞ BERNSTEIN, B. (1990). *Poder Educación Y Consciencia Sociologica de la Transmisión Cultural*. Barcelona: El Route Editorial S.A.
- ☞ BERNSTEIN, B. (1993). *La Estructura del Discurso Pedagógico – Classes Códigos e Control*. Madrid: Ediciones Morata.
- ☞ BLOOM, H. (2001). *Como ler e porquê*. Lisboa: Caminho.
- ☞ CAVALCANTI, Joana (2006). *As malas que contam Histórias*. Lisboa, Paulus Editora.
- ☞ CORTESÃO, L. e STOER, S. (1996). *A interculturalidade e a educação escolar: dispositivos pedagógicos e a construção da ponte entre culturas*, in *Inovação* nº 9, pp41-42.
- ☞ DELEUZE, Gilles. *Que é um dispositivo?* In: BALBIER, Eribon. et al. Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990.
- ☞ DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- ☞ FOUCAULT, M. (1977). *A Vontade de saber. História da sexualidade I. Trad. Pedro Tamen*: Lisboa: Ed. António Ramos.
- ☞ GARCIA DEBANC, C. (1996). *Écrire pour lire*. In *Cl. Garcia Debanc et al. (Org.). Didactique de la lecture, regards croisés*, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail.

- ☞ MARTINS, M. (1995). *Ler Sophia – Os valores, os Modelos e as Estratégias discursivas nos contos de Sophia de Mello Breyner Andresen*. Porto: Porto Editora.
- ☞ PENNAC, D. (2001). *Como um Romance*. 13ª Ed. Porto: Edições ASA.
- ☞ SIM-SIM, I. (2002). *Literacia, (des)conhecimento e poder*, versão escrita da Conferência proferida no 1º Congresso Internacional sobre LITERACIAS, Universidade de Évora, Évora.

[http://www.casadaleitura.org/portalbeta/bo/documentos/ot\\_ler\\_escola\\_a.pdf](http://www.casadaleitura.org/portalbeta/bo/documentos/ot_ler_escola_a.pdf)

consultado em 3 de Dezembro de 2013

## Anexos

*Construção do dispositivo pedagógico:*

